

DOI: 10.20435/multi.v28i68.3651

Recebido em: 21/02/2022; aprovado para publicação em: 25/05/2022

**Dom Bosco: notas para um olhar integral em vista da  
promoção dos “pobres” e “marginalizados”**

***Don Bosco: notes for an integral look at the promotion of the  
“poor” and “marginalized”***

***Don Bosco: notas para una mirada integral de la promoción  
de los “pobres” y “marginalizados”***

Fernando Campos Peixoto<sup>1</sup>

Cesar Augusto Veras<sup>2</sup>

Pedro Pereira Borges<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Licenciado em Filosofia pelo Claretiano, Centro Universitário (CLARETIANO). Bacharel em Teologia pela UCDB. E-mail: fernandocamposdf@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2831-4488>

<sup>2</sup> Pós-graduado em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Cursando graduação em Teologia pela Pontificia Università della Santa Croce (PUSC-Roma). E-mail: veras.cesaraugusto@gmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3620-7559>

<sup>3</sup> Doutorado e mestrado em Ciências Sociais pela Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduação em Pedagogia e Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte (ISTA) e Università Pontificia Salesiana di Roma (UPS-Roma). E-mail: pobojar@uol.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9183-5051>

**Resumo:** O presente artigo-ensaio tem por objetivo apontar algumas notas que possibilitam perceber a ação da vida de Dom Bosco, isto é, sua forma de atuar, como sendo fruto da compreensão de um homem que entendeu o Verbo Encarnado, Deus encarnado na realidade concreta de cada pessoa humana, não alheio aos sofrimentos e dilemas sociais. Para responder a tal objetivo, o método adotado para esta pesquisa será o dedutivo-indutivo. Quanto à metodologia, esta será a de revisão bibliográfica. É possível notar que, para além de um líder espiritual, Dom Bosco foi um homem profundamente “humano”, pois compreendeu a realidade da existência humana em suas periferias existenciais e reais, não somente espirituais. Mas também foi um homem compelido pela espiritualidade do Verbo Encarnado, sendo tal dimensão importantíssima em sua missão, pois constitui seu ideal de vida.

**Palavras-chave:** Jesus; Dom Bosco; dignidade; libertação; humanidade.

**Abstract:** The present article-essay aims to point out some notes that make it possible to perceive Don Bosco's life action, that is, his way of acting, as being the fruit of the comprehension of a man who understood the Incarnate Word, God incarnate in the concrete reality of every human person, not alien to the sufferings and social dilemmas. To answer this objective, the method adopted for this research will be deductive-inductive. As for the methodology, it will be a literature review. It is possible to note that, besides being a spiritual leader, Don Bosco was a deeply “human” man, for he understood the reality of human existence in its existential and real peripheries, not only spiritual. But he was also a man compelled by the spirituality of the Incarnate Word, and this dimension is very important in his mission, because it constitutes his ideal of life.

**Keywords:** Jesus; Don Bosco; dignity; liberation; humanity.

**Resumen:** El presente artículo-ensayo pretende señalar algunas notas que permitan percibir la acción vital de Don Bosco, es decir, su modo de actuar, como fruto de la comprensión de un hombre que entendió al Verbo Encarnado, Dios encarnado en la realidad concreta de cada persona humana, no ajeno a los sufrimientos y dilemas sociales. Para responder a este objetivo, el método adoptado para esta investigación será deductivo-inductivo. En cuanto a la metodología, se trata de una revisión bibliográfica. Se puede constatar que, además de ser un líder espiritual, Don Bosco fue un hombre profundamente “humano”, porque comprendió la realidad de la existencia humana en sus periferias existenciales y reales, no sólo espirituales. Pero también fue un hombre impulsado por la espiritualidad del Verbo Encarnado, y esta dimensión es muy importante en su misión, porque constituye su ideal de vida.

**Palabras clave:** Jesús; Don Bosco; dignidad; liberación; humanidad.

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Desde as Revoluções Industriais, o mundo passou a se deparar cada vez mais com dilemas que tocam profundamente a existência humana. Se antes as instituições tinham alguma credibilidade, a partir desse momento, começam a ser colocadas em questão por pensadores como Karl Marx (1818-1883), que reflete sobre a condição social a que o ser humano é submetido por um regime opressor. Nesse mesmo contexto, encontramos Ludwig Feuerbach (1804-1872), que coloca em xeque o papel da religião e a crença em Deus. E, ainda, Friedrich Engels, que, junto a Marx, reflete sobre a condição da classe operária. Além desses ideais mais de cunho socialistas, também permeiam, no século XIX, os ideais absolutistas e o liberalismo. Assim, pode-se caracterizar como um século de transformações estruturantes. Com isso, é possível intuir que houve diversos confrontos. O objetivo de aqui trazer esse breve contexto é para demonstrar, sem a pretensão de traçar o todo que cada um está inserido, o ambiente em que Dom Bosco (1815-1888) se situa, num panorama profundamente influenciado por ideais de libertação dos Estados Pontifícios e, mais do que isso, uma época de revoluções, em que a autoridade da Igreja é posta em dúvida.

A pergunta que pode emergir é muito comum: mas, afinal, como é que Dom Bosco é capaz de iniciar uma obra num contexto tão conturbado como era o da Itália naqueles tempos? A isso, cabe o mérito não só de Dom Bosco ser um homem profundamente polido, capaz de diálogo e convivência em ambientes hostis, mas também pela experiência de fé que ele fez. Dom Bosco entendeu Jesus como encarnado<sup>1</sup>, Deus encarnado na realidade humana, que nota o sofrimento e percebe que o ser humano não necessita apenas de alimento espiritual, mas precisa ser promovido integralmente. Respeitado por uns, criticado por outros, Dom Bosco, apesar de seu olhar um tanto distante do pensamento dos eclesiásticos locais da época, levou

---

<sup>1</sup> Jesus Encarnado: conforme Kesler (2012), entende-se o Mistério da Encarnação como a ação do próprio Deus que assume a forma humana (Jo 1,14), com toda a sua condição, exceto o pecado (Fl 2,5-7), para nos libertar, salvar, amar e servir. Isto é, Jesus, humilhando-se à condição humana, torna-se um ser humano real, dotado de todas as necessidades inerentes a essa condição: fome, sede, alegria, dor, tristeza e tentação, exceto o pecado.

sua missão com afinco, sendo um líder espiritual, social e um Pai para os jovens marginalizados, com a falta de “políticas públicas”.

Dado esse panorama, o presente artigo tem por objetivo apontar algumas notas que possibilitam perceber a ação da vida de Dom Bosco, isto é, sua forma de atuar, como sendo fruto da compreensão de um homem que entendeu o Verbo Encarnado, Deus encarnado na realidade concreta de cada pessoa humana, não alheio aos sofrimentos e dilemas sociais. Para além de um líder religioso, Dom Bosco foi um homem profundamente humano, pois compreendeu a realidade da existência humana em suas periferias existenciais<sup>2</sup> e reais, não somente espirituais. Mas também foi um homem compelido pela espiritualidade do Verbo Encarnado, sendo tal dimensão importantíssima em sua missão, pois constitui seu ideal de vida.

Para responder a tal objetivo, ainda que este artigo-ensaio não tenha a pretensão de esgotar o tema, mas apresentar notas elucidativas da relação entre a vida do Mestre de Nazaré e Dom Bosco, pretende-se instigar o leitor para o aprofundamento desse personagem histórico, como uma possível resposta aos dilemas contemporâneos. A forma como Dom Bosco agiu e viveu pode ser uma inspiração para a transformação de estruturas sociais também hoje, sendo ele um inspirador. O método adotado para esta pesquisa será o de caráter dedutivo-indutivo. Quanto à metodologia, esta será a de revisão bibliográfica. Para dar conta de tal objetivo, o presente trabalho está dividido, além das considerações iniciais e finais, nos seguintes tópicos: “Jesus: um promotor de libertação e humanização” e “Dom Bosco e a sua opção pelos ‘pobres’ e ‘marginalizados’”.

---

<sup>2</sup> O termo “periferias existenciais” é recorrente no vocabulário do Papa Francisco. Desde que iniciou seu pontificado, já na *Evangelii Gaudium*, conhecido como sendo seu projeto pastoral, ele insiste nesse novo conceito. Ele dá um novo significado ao termo. Se, outrora, ao se falar de periferias, entendia-se como uma região que abrigava pessoas de baixa renda e referia-se a lugares pouco desenvolvidos, com Francisco, há a compreensão de que em todos os lugares podem existir periferias, inclusive onde habita a classe média alta, pois se trata de uma condição existencial em que o ser humano se encontra. Em discurso aos bispos da conferência episcopal de Moçambique, em 9 de maio de 2015, ele conceitua que periferia existencial é “onde há sofrimento, solidão, degrado humano”.

## **2 JESUS: UM PROMOTOR DE LIBERTAÇÃO E HUMANIZAÇÃO**

Ao olhar as passagens das Sagradas Escrituras, de maneira particular os Evangelhos, que são as fontes mais próximas em que se podem notar o percurso e a opção de vida de Jesus Cristo, é possível perceber que Deus faz opção pela justiça e, por isso, conseqüentemente, escolhe os pobres, que, sendo frágeis, necessitam de cuidado, atenção e libertação. Eles vivem, por vezes, numa situação de indiferença (*cf.* Lucas 16:19-31 [BÍBLIA, Lucas, 16: 19-31]), marginalização (CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1997), exclusão e opressão. Para Vigil (2004, p. 247), “A Opção [de Deus] pelos Pobres vê a pobreza como uma injustiça a ser erradicada mediante o amor político e transformador, mediante uma práxis social, como ato de justiça”. Sem dúvidas, o amor de Deus por eles, os pobres, é intensamente infinito e, acima disso, é um amor atuante, que busca mudar as realidades sofredoras de cada um e cada uma. Um olhar pessoal que, instigando o outro a uma conversão, gerará também uma transformação social.

A pobreza causa imenso sofrimento à pessoa e “aniquila” a dignidade humana, pois rouba do homem e da mulher o direito a ter direito. A pobreza oprime o indivíduo e o reduz em sua totalidade, perdendo, assim, a singularidade de que lhe é própria. Tanto a pobreza como a opressão deturpam e roubam a humanidade do indivíduo, que passa a ser tratado como coisa, um objeto sem valor. Ambas humilham o ser humano e fazem com que a pessoa perca voz e vez e passe a não ser enxergada pelos demais. A opressão elimina o outro e retira dele aspectos básicos de humanização. Nessa perspectiva, os padres conciliares, na discussão acerca da presença da Igreja no mundo contemporâneo, afirmam que:

[...] tudo quanto se opõe à vida [...]; tudo o que viola a integridade da pessoa humana [...]; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana[...] e também as condições degradantes de trabalho [...]. Todas estas coisas e outras semelhantes, [...] corrompem a civilização humana [...]; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador (CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1997, s.p.).

A opressão é praticada, geralmente, por aqueles que exercem algum tipo de poder sobre alguém ou têm alguma condição social melhor. São pessoas que, infelizmente, escolhem apenas a si mesmas, ou seja, em vez da

prática e da procura pelo bem comum e a justiça em prol da igualdade e da equidade, pensam em si próprias, em suas comodidades, luxos e confortos pessoais. Retiram daqueles que não têm para o acúmulo de quem já tem, gerando, assim, maior sofrimento e ainda mais pobreza. Esta prática deve ser revista, por temor e amor a Deus, conforme recorda o Papa Leão XIII, na Carta Encíclica *Rerum Novarum* (PAPA LEÃO XIII, 1891, p. 9): “[...] os ricos devem precaver-se [...] de todo o ato violento, [...] fraude, toda a manobra usurária que seja de natureza a atentar contra a economia do pobre [em sua maioria oprimidos], [...], porque os seus haveres, por serem de mínima importância, revestem um carácter [...] sagrado”.

Diante do exposto, nota-se que Deus está e sempre esteve atento ao clamor daqueles que mais necessitam, procurando instaurar a justiça, libertando o povo<sup>3</sup>, assim como assegura Gutiérrez (1982, p. 27): “*Dios se revela como el que hace justicia en favor de su pueblo, y son muchos los pasajes bíblicos que nos informan y hacen memoria de sus intervenciones liberadoras en la historia de Israel [...]*”. Ressalta-se que essa atenção de Deus voltada para o seu povo se concretiza em ações, e a grande prova desta ação é a encarnação de Seu Filho Jesus.

Por amor ao seu Povo, Deus envia seu Filho para libertar o ser humano (Jo 3,16), de uma vez por todas, de toda a opressão: humana ou espiritual. Jesus, portanto, encarna-se, assumindo a condição humana, para redimir e libertar cada pessoa. Tem consciência da situação de indiferença e dos sofrimentos nos quais a humanidade se encontra e, segundo o Evangelista Marcos, Jesus mesmo ressalta que os chefes das nações as oprimem e as tiranizam, mas que, entre os seus seguidores, não deve ser assim. Segundo Pagola (2019), este é um dos grandes gritos de Jesus contra os opressores. É um grito constante, conforme se verifica, também, no Evangelho de Lucas (2014), quando Jesus salienta que a salvação não será concedida a quem praticar a injustiça. Mais uma vez, nas palavras de Pagola (2019, p. 134), ele salienta:

Jesus critica de modo radical a cultura dominante da indiferença. No mais fundo das suas palavras e de seus gestos ressoa um grito: ‘As

---

<sup>3</sup> Cf. Êxodo (BÍBLIA, Êxodo).

coisas não estão como Deus quer’. Na Galileia não reina nem a compaixão nem a justiça. A política de Roma [...] tem andado a oprimir os mais débeis [...]. Jesus grita sua indignação: ‘O sofrimento dos inocentes tem de ser levado a sério; não pode ser aceito como algo normal, pois é inaceitável para Deus’

Pobreza e opressão, este era o contexto social de Jesus no tempo de seu nascimento. Sob dominação romana, os judeus sentiram, numa experiência real, o poder que oprime e retira a dignidade da pessoa. Era a opressão praticada por diversos modos: exploração, escravização, injustiça social, altas taxas com relação aos impostos, entre outros. Opressão que gera pobreza e, pior que isso, miséria. No tempo de Jesus, os pobres e marginalizados já faziam parte de sua vida, portanto, foi neste cenário que Ele fez o anúncio da Boa Nova da justiça. Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CNB, 2017), Jesus anuncia um novo Reino, Ele anuncia o Reino de Deus que traz libertação, que busca humanizar as pessoas. Esta é a verdadeira preocupação de Deus: “[...] libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer” (PAGOLA, 2014, p. 124).

Jesus não está preocupado apenas com as condições biológicas e materiais do homem, contudo, conforme salienta Ratzinger (2007), esta é também uma urgência de sua missão. Jesus vem apresentar às pessoas o rosto humanizador de Deus que é amor, que se preocupa amorosamente com o seu povo, vem evidenciar que por eles é capaz de realizar todo o bem. Deus não nos cria para o sofrimento, para a fome, mas para uma vida digna, justa e coerente com a nossa condição humana. “[...] o simples fato de ter nascido em lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento, não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente” (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 150).

Ninguém merece viver em situação de sobrevivência precária e de opressão. Como irmãos de Jesus e amados por Deus, criados, em dignidade, um pouco abaixo dos anjos (Hb 2,9), cada um é chamado a uma vida que possua o mínimo de respeito, honradez, diálogo, compreensão, atenção e bem-estar. O Catecismo da Igreja Católica (CNB, 2017, s.p.) adverte: “O respeito pela pessoa humana passa pelo respeito deste princípio: ‘Que cada um respeite o próximo, sem exceção, como ‘outro eu’ levando em consideração

antes de tudo sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente”’. Deste modo, ninguém, em hipótese alguma, deve ser menosprezado, muito menos pela sua condição social, desde a moral cristã-católica.

Jesus desejou trazer dignidade às pessoas, buscou oferecer condições melhores para aqueles que eram oprimidos pela violência do governo e por aqueles que detinham alguma forma de poder. Procurou promover o bem-estar e o bem comum para que as pessoas vivessem melhor. Estava em seu coração uma “[...] paixão que anima toda a sua vida: fazer um mundo mais sadio, justo, solidário e feliz para todos” (PAGOLA, 2015, p. 98).

Ele buscou libertação física, espiritual e social para o bem-estar do seu povo amado: física, por exemplo, por meio dos milagres realizados, como a cura do cego de nascença (BÍBLIA, João, 9: 1-12); espiritual, a saber, quando expulsava os demônios e livrava as pessoas de poderes ocultos (BÍBLIA, Marcos, 3: 20-30); e, por fim, social, quando pregava a vivência da justiça e do amor entre os homens (BÍBLIA, Marcos, 12-31), excluindo, assim, a indiferença e a opressão. Ele reconhecia o valor único e a importância de cada pessoa e, para elas, promovia o bem. Este é o grande projeto de Jesus, promover o Reino de Deus, repleto de Justiça e paz. Na verdade, “Jesus é o Reino de Deus em pessoa; onde Ele está, aí está o ‘Reino de Deus’” (RATZINGER, 2007, p. 135), e envia todos os batizados como fiéis portadores e anunciadores desse Reino (BÍBLIA, Marcos, 16-15).

Neste sentido, ir ao encontro dos pobres e marginalizados é dever de cada cristão, e é este o caminho norteador para a santidade e para o perfeito cumprimento do Reino de Deus, que já se inicia no tempo terreno e imediato. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CNB, 2017, *s.p*), “Nosso Senhor nos adverte de que seremos separados dele, se deixarmos de ir ao encontro das necessidades graves dos pobres e dos pequenos que são seus irmãos”. E, a este dever, recorda ao cristão, constantemente, a oração Eucarística VI-D (MISSAL ROMANO, 2010, p. 864), elevada a Deus pela Igreja:

Dai-nos olhos [Senhor Deus] para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço



a eles. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo

Isto posto, ir ao encontro destes irmãos mais sofredores, seguindo o exemplo de Jesus, não é somente se colocar em prática de orações verbais e mentais, que são, sim, de suma importância, porque, acima de tudo, aproximam o ser humano de Deus, equivalente ao que recorda o Prefácio Comum IV do Missal Romano (2010, p. 459) – “ainda que nossos louvores não vos sejam necessários, vós nos concedeis a graça de vos louvar, eles em nada acrescentam ao que sois, mas nos aproximam de vós [...]” –, mas, acima de tudo, é colocar-se em saída, em práticas concretas de oração. É tomar consciência de que todos merecem liberdade, justiça e respeito.

Oração verbal e mental unidas às práticas concretas, foi este o testemunho autêntico deixado por Jesus. Ele saía para rezar a Deus de acordo com o Evangelho de Lucas (BÍBLIA, Lucas, 6: 12-19) e, em seguida, punha-se a exercer obras concretas na vida das pessoas, pois a contemplação deve vir seguida da ação, conforme recorda Tiago, que diz: “a fé sem obras é morta” (BÍBLIA, Tiago, 2-17).

Imitando este bonito aspecto de Jesus, que passou pelo mundo pregando a vida, fazendo o bem, gerando processos potentes de humanização e, especialmente, libertando os pobres e marginalizados da sociedade, pois “*La liberación expresa voluntad de vivir, y, entonces, liberando Dios se revela como un Dios liberador, como un Dios vivo, como el Dios de la vida*” (GUTIÉRREZ, 1982, p. 19), diversos homens e mulheres o seguiram nesta cativante missão: de entrega aos outros por amor a Deus. Homens e mulheres que não mediram esforços e consequências para que o pobre tivesse voz e vez, para que fosse respeitado e amado e para que também experimentasse o rosto humano de Deus apresentado à humanidade por meio de Jesus.

Dentre tantos homens que “[...] seguindo as pegadas de Cristo, [...]” contribuíram para a salvação de seus irmãos [...]” (CNB, 2017), é apresentado, neste trabalho, São João Bosco, que, com tamanha solicitude, empenho e dedicação, ofereceu sua vida totalmente aos jovens, por amor a Deus e para a sua maior glória. Uniu oração e trabalho na propagação do Reino

de Deus e na libertação dos indivíduos, viabilizando a promoção humana integral. Homem venerável e de fé, que ainda hoje continua a tocar-nos por meio de seu vasto movimento desenvolvido em favor dos mais necessitados, isto é, dos pobres e marginalizados da sociedade.

### **3 DOM BOSCO E A SUA OPÇÃO PELOS POBRES E MARGINALIZADOS**

Dom Bosco nasceu no ano de 1815, numa região chamada Piemonte, situada ao norte da Itália (BOSCO, 2012). Órfão de pai desde os dois anos de idade, foi criado por sua mãe, Margarida. Segundo Lemoyne (2018), mulher analfabeta, mas muito sábia; era muito católica e transmitiu a João Bosco grande amor a Jesus, à sua Igreja e ao próximo. E ele, diante de tão rico testemunho, desde muito pequenino, já nutria vontade de dedicar sua vida inteiramente a Deus.

Apenas os filhos começaram a distinguir o bem e o mal, Margarida desdobrou-se em comunicar-lhes os primeiros rudimentos da religião, encaminhando-os à sua prática [...]. Sendo mulher de grande fé, em todos os seus pensamentos e também sobre seus lábios estava presente Deus. [...] Deus está vendo você: era a grande sentença com que lembrava a eles como estavam continuamente sob o olhar daquele grande Deus[...] (LEMOYNE, 2018, p. 54).

De família pobre, João Bosco necessitou trabalhar desde muito cedo para lograr o alimento necessário à sua subsistência. João Bosco lutou contra toda a falta de oportunidades comuns à sua condição social e conseguiu acesso à educação: “Ele precisou pedir e obter ajuda de benfeitores, competir por prêmios e servir-se de suas habilidades para sobreviver como estudante” (LENTI, 2012, p. 153). Posteriormente, entrou para o seminário e, alguns anos mais tarde, foi ordenado padre para a Igreja particular de Turim, especificamente, em 1841. E, mesmo depois de ordenado, manteve sempre a consciência de que nasceu pobre e, por eles, precisava realizar algo. Por isso mesmo, nunca deixou de caminhar ao lado do Cristo Pobre, que se oferece continuamente como oferta agradável a Deus.

Nos tempos de Dom Bosco sacerdote, a Arquidiocese de Turim contava com um número surpreendente de padres diocesanos. Segundo Sandrini (2018), o contingente era tamanho, a ponto de os sacerdotes poderem

escolher livremente em qual área queriam dedicar as suas vidas e os seus ministérios, tendo possibilidades de serem tutores, diretores de hospitais, capelães, entre outras atividades daquela época. Foi nessa realidade que Dom Bosco se encontrou na missão junto aos jovens, pois já sentia inclinação pelo cuidado a eles. Entretanto, mesmo tendo tal desejo e possibilidades de escolha, não agiu por conta própria, mas fez a opção de passar por um profundo e acompanhado discernimento pessoal. Ele mesmo ressalta isso ao dizer que jamais deu algum passo sem o consentimento do Arcebispo (BOSCO, 2012).

Após sua ordenação sacerdotal em 1841, Dom Bosco foi morar no Convento Eclesiástico para se formar em Teologia Moral e Pregação. E, neste período, Padre Cafasso lhe solicitou que visitasse as cadeias de Turim, “onde, pela primeira vez, [Dom Bosco] se encontrou com a condição alarmante e lamentável de muitos jovens ali detidos” (SANDRINI, 2018, p. 27). Em toda a cidade de Turim, mas especialmente nas cadeias, percebeu grande presença de jovens pobres, abandonados à própria sorte. Muitos deles órfãos e sem nenhuma instrução civil ou religiosa. Sentiu-se tocado, em seu coração, a se dedicar a estes pobres de Deus. Neste contexto, Lenti (2012, p. 379) nos diz que Dom Bosco “[...] começou a dedicar-se ao ministério dos jovens”.

Sandrini (2018) também reafirma tal escolha e assegura que foi nesse contexto que Dom Bosco fez sua opção preferencial e definitiva pelos jovens pobres. Nesta situação, como religioso, ele percebeu que era essencial realizar alguma atitude a favor de cada um deles, pois estavam todos entregues à própria sorte. Por vezes, queriam viver uma vida digna, longe do crime, mas não possuíam oportunidades viáveis ao saírem das cadeias. Dom Bosco (2012, p. 121) relata sua experiência:

[...], [nas] prisões[...] pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificava-se naqueles infelizes

Eram, portanto, jovens pobres e oprimidos, em situação de marginalização e exclusão, que haviam, em sua maioria, abandonado os campos em busca de algo melhor em Turim, cidade que se desenvolvia progressiva e

rapidamente no campo industrial. Segundo Lenti (2012, p. 386), “[...] eram [...] jovens locais, que viviam nos subúrbios [...], tentando sobreviver com qualquer meio que lhes fosse oferecido, ou [...] migrantes temporários, empregados marginalmente nas construções”.

Eram jovens, em sua maioria camponeses, que buscavam os “encantos” da cidade grande em troca de uma vida melhor e mais digna, com menos sofrimentos; entretanto, ao chegarem à cidade, encontravam uma realidade tão dura ou até maior quanto a anterior. Ficavam, desse modo, praticamente sem opção, a não ser a da sobrevivência a qualquer preço e custo. E por isso, após serem pegos em roubos, furtos e outras delinquências, eram presos e obrigados a cumprirem as devidas penas, mas, ao saírem, continuavam no mesmo contexto social anterior, o qual já os havia levado à prisão; assim sendo, não encontrando condições de vida, muito menos espaços para a civilidade e justiça, voltavam ao estilo de vida anteriormente acostumados. Segundo Dom Bosco (2012, p. 121), “[...] muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e, não obstante, voltavam logo à prisão [...]. Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque [estavam] abandonados a si próprios”.

Foi a partir dessa análise crítica da realidade que Dom Bosco percebeu a urgência, enquanto autêntico discípulo de Jesus, de auxiliar na promoção integral desses jovens que viviam na pobreza e eram marginalizados pela sociedade, conforme salienta Sandrini (2018); eram oprimidos pela sociedade que os exploravam e pobres por consequência desse contexto. A exemplo de Jesus e para propagar o seu Reino de Justiça, Dom Bosco amou cada jovem e enxergou Jesus em todos eles. Não exerceu apenas uma atividade social pela transformação da sociedade em si, mas porque era movido pelo transcendente. Agiu por consciência cristã, fora da reciprocidade, da mesma forma que Jesus, pois os jovens não fizeram nada antes, gerando uma realidade livre, libertadora e consciente.

Sendo Dom Bosco, portanto, homem de oração e ação, a exemplo de Jesus, para promover dignidade entre os filhos de Deus, fundou o oratório de São Francisco de Sales (BOSCO, 2012) como prática concreta de missão. Apesar dos oratórios já existirem naquela época, conforme salientado por Lenti (2012), Dom Bosco insere algumas características próprias, mantendo,

todavia, seus aspectos primordiais e tradicionais: os ensinamentos religiosos e a recreação educativa.

Nesse sentido, Dom Bosco estudou bem as práticas dos oratórios existentes e suas finalidades, assim como os seus regulamentos; segundo Lemoyne (2019, p. 82), “[...] tomava notas, modificava aqui, adaptava ali, ajustando as coisas segundo o seu ponto de vista [...]”, para, em seguida, adaptar o Oratório de São Francisco de Sales à sua própria realidade.

Logo, o Oratório, segundo a perspectiva de Dom Bosco, assume uma nova proposta de evangelização, pois passa a conter elementos mais humanizantes e menos severos, destinados, sobretudo, aos meninos longe da religião, excluídos e não instruídos; nas palavras de Lenti (2012, p. 565), “os oratórios tradicionais eram seletivos, centravam a atenção nos meninos melhores. Dom Bosco, ao contrário, fundou seu Oratório para todos e dava preferência, [...] aos verdadeiros pobres e abandonados, [...] pertencentes às camadas mais pobres da sociedade”.

O oratório, portanto, era para Dom Bosco, “‘casa, igreja, escola, pátio’: um programa completo de socorro material e de sustento familiar, de evangelização, cultura e socialidade. [...] uma comunidade ‘para se encontrarem como amigos e viverem com alegria’” (VELHO, 2016, p. 350). Ali, Dom Bosco procurava oferecer condições para que os jovens, especialmente os mais pobres e abandonados, possuíssem dignidade. Ele percebeu que, antes de oferecer qualquer condição para crescimento espiritual a cada um deles, era preciso, antes de tudo, oferecer condições biológicas básicas, como moradia e alimento. Por esta razão, passou a acolher os jovens em sua casa, isto é, no oratório.

A experiência diária fazia com que Dom Bosco se desse conta de que para promover de maneira eficaz o bem de certo número de jovens, não bastavam as aulas e os encontros de meninos nos dias santos, mas era necessário fundar uma casa que acolhesse caridosamente [...]. a maior parte deles, [...] passavam as noites nas estalagens, no vão de alguma casa ou nos paióis; ao relento, sobre o chão e nos bancos das ruas [...]. Dom Bosco procurava socorrê-los da melhor maneira: dava pão e sopa (LEMOYNE, 2018, p. 160).

Em sua maior parte, os jovens chegavam sem nenhum tipo de instrução intelectual e/ou religiosa. Dom Bosco torna-se para cada um deles

o rosto misericordioso de Deus. Acolhe-os para oferecer, a cada um deles, condições de vidas mais saudáveis e dignas. Mostrando que os atos passados precisavam deixar de ser praticados por amor a Deus. O próprio Dom Bosco (2012, p. 154) afirma: “[...] não tenho outro objetivo, [...], que não o de melhorar a sorte desses pobres filhos do povo”.

Assim como Jesus ia ao encontro dos seus, Dom Bosco também, a seu exemplo, exerceu essa mesma atitude: ele saía constantemente e incansavelmente pelas ruas de Turim, que “estava repleta de grande número de jovens e meninos, catalogados na literatura do tempo como ‘pobres e abandonados’” (LENTI, 2012, p. 384), em busca de jovens, mostrando a cada um deles a sua importância e o seu valor único e singular.

Dom Bosco não se importava muito com os lugares desses encontros, mas com as pessoas, com a forma de que elas viviam. De acordo com Lemoyne (2018, p. 54-55), Dom Bosco, “ao percorrer as ruas, as praças e os arredores de Turim, descobriu lugares onde não era fácil um sacerdote entrar: hospedarias, tabernas, cantinas, barbearias [...]. Em meio a esses encontros, observava se havia meninos, [...], pedia notícias deles”. Em vista disso, não havia lugar em que a graça de Deus e o seu Reino não poderia ser anunciado. É interessante perceber que Dom Bosco, seguindo o exemplo de Jesus, foi ao encontro dos oprimidos, excluídos e marginalizados, sem fazer distinção alguma.

Dom Bosco, naquele tempo, já praticava a rica e bonita experiência de uma Igreja em saída, que se preocupa com o outro, assim como exorta, hoje, o Papa Francisco (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 46-47): “[...] sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas [...]. [...] olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”. Dom Bosco tirava tudo de si para oferecer aos jovens pobres. Ele estava sempre disposto a entregar tudo de si a cada um deles. Não era homem de sacristia, apenas<sup>4</sup>, apesar de saber a importância de tal, mas era homem de trabalho, de ações simples e constantes. Procurava oferecer condições favoráveis aos jovens pobres e marginalizados pela sociedade da indiferença. O Próprio Papa Francisco relembra a singularidade de tal atitude, em uma carta enviada aos Salesianos, por ocasião do Capítulo Geral:

---

<sup>4</sup> Motivo que o levou a enfrentar muita resistência das autoridades eclesiais.

Dom Bosco não só não quer separar-se do mundo para buscar a santidade, mas deixa-se questionar e escolhe *como e em que* mundo viver. Escolhendo e acolhendo o mundo das crianças e dos jovens abandonados, sem trabalho nem formação, permitiu-lhes experimentar a paternidade de Deus de forma tangível, oferecendo-lhes instrumentos para narrar as suas vidas e histórias à luz de um amor incondicional (PAPA FRANCISCO, 2020, s.p.)

Promover o pobre e marginalizado, a exemplo de Jesus, para que tivesse condições de vida mais justa e digna, foi um trabalho e o maior ideal de Dom Bosco, conforme aponta Lemoyne (2018). Por essa razão, uma de suas grandes preocupações foi a de oferecer oportunidades e condições que visassem ao crescimento humano, espiritual e social do jovem, promovendo-o, emancipando-o, ajudando-o a tornar-se um agente ativo na sociedade. Em outras palavras, a sua atuação concebeu a pessoa, em especial o jovem, em seu aspecto integral, abarcando todas as suas necessidades.

E foi além de suas forças humanas para manter o propósito da promoção humana. Contando com o auxílio da graça de Deus, fundou a Sociedade de São Francisco de Sales, religiosos que, por amor a Deus, buscam transformar a vida de muitos jovens e marginalizados, ainda nos tempos atuais. Conforme se encontra na Regra de Vida dessa Sociedade, isto é, nas Constituições Salesianas, no artigo 33 (SALES, 2015, p. 48), eles, os salesianos, devem trabalhar em “[...] ambientes populares e em favor dos jovens pobres. Colaborando com eles, educamo-los para as responsabilidades morais, profissionais e sociais, e contribuimos para a promoção do grupo e do ambiente”.

Dom Bosco foi um fiel e heroico discípulo missionário (EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 2007)<sup>5</sup> de Jesus, fez de sua vida uma oportunidade para que os outros também tivessem justas possibilidades. Não retirou a ação concreta de sua vida, mas fez dela, em comunhão com a oração, a exemplo de Jesus, objeto essencial para ajudar o outro que estava caído às margens da sociedade. Como cristão, promoveu o outro e ofereceu a ele libertação da exploração e condições justas e favoráveis para uma vida mais digna e humanizada.

---

<sup>5</sup> Documento de Aparecida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discípulo de Jesus, o cristão, pelo batismo, é chamado a viver como o Mestre de Nazaré. Jesus viveu, estando no tempo terrestre, na história, entrou na vida concreta de cada ser humano, a partir do momento que assumiu a condição humana. Jesus teve presente os desafios de seu tempo e a opressão do Império Romano sobre o povo, além da maneira pela qual as pessoas se submetiam à lei estrita, mas haviam esquecido a quem a lei devia conduzir. O olhar sobre Dom Bosco é a percepção de quem entendeu que, para seguir os passos do Mestre, é preciso encarar a realidade concreta, propor o seguimento e a mudança de vida, desde as situações em que vive, não com discursos de outras épocas, formulados para situações de outros tempos. Dom Bosco foi capaz de traduzir o Evangelho, promovendo um olhar integral à pessoa humana. É preciso tomar a consciência de que a fé n'Ele, em Deus, exige-nos compromisso e ações verdadeiramente cotidianas e concretas.

Imitar Jesus em suas ações é colocar-se numa prática de solidariedade com os pobres e marginalizados de hoje, muitas vezes famintos e injustiçados, como nos tempos de Jesus e de Dom Bosco. Seguir Jesus é se situar ao lado dos que Ele mesmo se situou, é estar ao lado dos excluídos, procurando oferecer a eles condições de vida mais digna. Como discípulo missionário de Jesus, o cristão é chamado a denunciar e lutar contra as opressões tão presentes na sociedade, que colocam as pessoas num processo rotineiro de total desumanização, roubando-lhes a possibilidade de seus direitos mais básicos, pois cada opressão cometida rouba a dignidade da pessoa humana em sua totalidade.

Essas opressões, por muitas vezes, são realizadas em favor da ganância pessoal, do juntar mais e mais, ainda que, para isso, sejam necessárias atitudes cruéis, como menosprezar e excluir um semelhante. O cristão, em vista disso, precisa fazer a diferença na vida dos que mais precisam, como fez Jesus e, posteriormente, Dom Bosco. Não se trata de pensar que nessa vida tudo deve ser vivido com um profundo bem-estar, porque o sofrimento faz parte da vida e da debilidade humana. Mas é urgente e necessário fazer-se o possível para amenizar esses sofrimentos e retirar o negativo que é excessivo e desnecessário, como, por exemplo, a exploração do outro,



os assassinatos pela busca de poder e de bens, as drogas e tantas outras maneiras de opressão que desfavorecem a dignidade humana.

Assim, a exemplo de Jesus, Dom Bosco é um modelo de alguém que fez a síntese entre o espiritual e o social. Teve por critério de discernimento o Jesus Encarnado. Propôs um sistema preventivo, intervenções sociais como oratórios, escolas, grandes pátios, dentre outras iniciativas, pois acreditava que a salvação cristã só era possível desde um olhar integral e uma promoção da pessoa humana. Dom Bosco chama cada cristão ou pessoa de bem, para que busquem, num processo de profunda entrega, promover libertação, dignidade e melhores condições aos pobres e marginalizados da sociedade. E, por menor que seja a nossa ação, ela, certamente, unida com toda a Igreja e com todos os homens de bem, fará enorme diferença para a propagação do Reino de Deus e a promoção da dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

BOSCO, São João. *Memórias do oratório de São Francisco de Sales: 1815- 1855*. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. In: CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. [Documentos da Igreja]. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL [CNB]. *Catecismo da Igreja Católica*: novíssima edição de acordo com o texto. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*: documento final. In: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5., 2007, Aparecida. *Anais [...]*. Aparecida: [s.l.], 2007.

BIBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *El Dios de la vida*. San Miguel: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1982. Disponível em: <https://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/54894>. Acesso em: 23 out. 2021.

KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. [Volume 1]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LEMOYNE, João Batista. *Memórias Biográficas de São João Bosco*. [volume III]. Brasília: Edebê, 2019.

LEMOYNE, João Batista. *Memórias Biográficas de São João Bosco*. [volume I]. Brasília: Edebê, 2018.

LENTI, Arthur. *Dom Bosco: história e carisma. Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849)*. [volume 1]. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

MISSAL ROMANO. Português. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2019.

PAGOLA, José Antonio. *Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades*. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos participantes do capítulo geral dos salesianos. *Vatican* [online], Valdocco, 2020. Disponível em: [www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco\\_20200304\\_messaggio-salesiani-valdocco.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html). Acesso em: 23 out. 2021.

PAPA FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal de Moçambique em visita "*ad limina Apostolorum*". *Vatican* [online], Vaticano, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco\\_20150509\\_ad-limina-mozambico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150509_ad-limina-mozambico.html). Acesso em: 2 maio 2022.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo padre Francisco ao Episcopado, ao Clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual. *Vatican* [online], Vaticano, 2013. Disponível em: [www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 23 out. 2021.

PAPA LEÃO XIII. Carta encíclica *rerum novarum* do sumo Pontífice Papa Leão XIII a todos os nossos veneráveis irmãos, os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos do Orbe Católico, em graça e comunhão com a Sé Apostólica sobre a condição dos operários. *Vatican* [online], Vaticano, 1891. Disponível em: [www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html). Acesso em: 23 out. 2021.

*Dom Bosco: notas para um olhar integral em vista da promoção dos “pobres” e “marginalizados”*

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré - primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007.

SALES, São Francisco de. *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*. 3. ed. Lisboa: Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, 2015.

SANDRINI, Marcos. *Dom Bosco: presente de Deus para as juventudes*. São Paulo: Paulus, 2018.

VELHO, José Antenor Velho (Trad.). *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco. Guia à leitura das Constituições Salesianas*. Brasília: Edebê. 2016.

VIGIL, José María. A opção pelos pobres é opção pela justiça, e não é preferencial para um reenquadramento teológico-sistemático da opção pelos pobres. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 36, 2004. Disponível em: [www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2911/3054](http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2911/3054). Acesso em: 23 out. 2021.

